

O real horroroso da América

Caroline Machado dos Santos

Mais que estradas, desertos, montanhas, planícies e uma legião de viajantes aventureiros a explorar-lhes, o lado oeste de nosso continente nos mostra uma vasta fauna de problemas sociais e uma imaginativa flora de explicações. Explicações essas que vão desde uma corrida atrás no tempo em busca dos nativos pré-colombianos para demonstrar o “atraso” de nações inteiras, até as políticas dos atuais governos socialistas. Alguns culpam os espanhóis, outros culpam os governos neoliberais, o imperialismo e o capitalismo. E a América Latina parece tornar-se uma bomba que não se desarma, mas também não explode, sendo jogada de mãos em mãos até que alguém dê um “jeito” nela.

- O que? Conflitos políticos na América Latina? – ironizava-me uma chilena ao contar-lhe das estradas bloqueadas que me impediram de seguir viagem na Bolívia – Você só pode estar brincando, que raridade acontecer isso por aqui!

Passeata, militância e muito barulho pelas ruas de Tucumán, norte da Argentina, que presenciei enquanto caminhava ao encontro de uma amiga. Já em um restaurante, ela me contava: “Ah! É bem comum ver isso por aqui. Não sei qual é o motivo do protesto de hoje, mas você sabe que a Argentina tem muitos problemas...”. E citações: faltam empregos, a educação pública não funciona, a saúde tampouco, a distribuição de renda é injusta e assim vai.

Olhando por este lado e citando somente esses acontecimentos, milhões de quilômetros quadrados junto aos seus milhões de habitantes parecem realmente uma bomba que os países mais ricos do Ocidente observam com ar de superioridade. Mas essa terra não é só de problemas, e fora os problemas, é bem mais que uma grande estação de turismo barato. É uma terra de nuances, que mesmo sendo sufocada ao longo de tantos anos por um processo de “europeização” de sua cultura, economia e organização social, ainda possui seu leque de cores próprias, únicas, cores fortes e rebeldes, que desafiam, sutil ou abertamente, a força e arrogância dos “hermanos” maiores do Primeiro Mundo.

Primeiro e Terceiro Mundo, aí estão duas expressões que me foram motivo de muitas reflexões durante os meses em que viajei por Bolívia, Chile, Argentina e Paraguai. Tendo em conta que a minha primeira experiência no exterior foi um semestre vivido na Itália, ter conhecido a Bolívia em seguida foi um choque de contrastes. Lembro-me que ao voltar ao Brasil depois da temporada vivida na Europa, me disseram com certo pesar que “deveria ser difícil voltar a viver em um país de Terceiro Mundo depois de ter vivido em um de Primeiro.”. Pois muito pelo contrário. Ao meu ver, essa distância existente entre o nosso “terceiro” mundo e o “primeiro” mundo deles são só quantitativas (além das geográficas é claro). Percebendo primeiramente que, as diferenças existentes não são desigualdades que possam ser medidas através de estatísticas que geram um grande ranking dos melhores e piores do mundo, e segundo que, o modelo de desenvolvimento proposto pelos primeiros do ranking torna a igualdade uma característica insustentável e assim sendo, anula o pressuposto de que os países subdesenvolvidos não alcançam aqueles desenvolvidos por incompetência de governos e sociedades civis inteiras.

O que eu coloco em questão agora é justamente por que é que os países latinos devem alcançar esse desenvolvimento se lhe exige uma total perda de identidade, lhe exige desconsiderar todas as diversidades étnicas, todo os seus modos de vida, todas as suas cores, pra abraçar a bandeira dos indicadores econômicos e sociais favoráveis.

“Esse país está cada vez mais parecido com o meu próprio país”, me dizia um senhor suíço ao presenciar as mudanças do Chile ao longo de 13 anos, desde a última vez que ali estivera. “Isso me deixa triste, porque para mim o que há de mais belo nesse mundo é sua capacidade de ser diverso.”.

A colonização, de fato, nunca acabou. O que me leva a crer que é mais do que hora dessa América amadurecer, soltar suas amarras e pensar em uma maneira própria de solucionar seus problemas e injustiças. Europeus ou estadunidenses nós nunca seremos, e tentar imita-los cegamente pode até melhorar taxas, índices e serviços (o que eu não acredito piamente), mas irá levar consigo nosso modo de vida, nossa cultura e organização social a um estado sempre “sub-europeu”.

Não é isso o que eu quero para as próximas décadas e não encontraria prazer algum em encontrar as cidades bolivianas mais parecidas com Milão, Miami, Nova York ou Londres se voltar ali 50 anos depois. Nem mesmo gostaria de ver tantas crianças pelas ruas pedindo esmolas. Mas sim que o povo boliviano, trabalhassem eles próprios para o que consideram melhor para si mesmos, assim como os brasileiros, os paraguaios, os argentinos, os chilenos. Resta então aqui o meu protesto e um trecho de Eduardo Galeano:

“Desamarrar as vozes, dessonhar os sonhos: escrevo querendo revelar o real maravilhoso, e descubro o real maravilhoso no exato centro do real horroroso da América.”.

BIBLIOGRAFIA

GALEANO, Eduardo. *Celebração das contradições 2*. Em: O livro dos abraços. Porto Alegre: L&PM, 2006.

Caroline Machado dos Santos
Estudante Ciências Sociais da UFG